

A realeza de
Jesus
(Mc 15,16-20)

COLEÇÃO PERÍCOPE:

A realeza de Jesus (Mc 15,16-20) – Matthias Grenzer,

Francisca A. F. Grenzer e Fernando Gross

O nascimento de Jesus (Lc 2,1-7) – Matthias Grenzer e Fernando Gross

Multiplicação dos pães (Mc 6,30-44) – Matthias Grenzer

Primeiro e segundo mandamentos (Mc 12,28-34) – Matthias Grenzer

Matthias Grenzer
Francisca A. de Farias Grenzer
Fernando Gross

A realeza de
Jesus
(Mc 15,16-20)


Paulinas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Grenzer, Matthias

A realeza de Jesus : Mc 15,16-20 / Matthias Grenzer,
Francisca A. de Farias Grenzer, Fernando Gross. – São Paulo :
Paulinas, 2024.

56 p. (Pericope)

Bibliografia

ISBN 978-65-5808-257-6

1. Bíblia – N.T. – Evangelho de São Marcos 2. Jesus
Cristo I. Título II. Grenzer, Francisca A. de Farias III. Gross, Fernando
IV. Série

24-0021

CDD 226.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia – N.T. – Evangelho de São Marcos

1ª edição – 2024

Direção-geral: *Ágda França*

Editores responsáveis: *Maria Goretti de Oliveira e Matthias Grenzer*

Copidesque: *Anoar Provenzi*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Revisão: *Equipe Paulinas*

Produção de arte: *Elaine Alves*

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.



Cadastre-se e receba nossas informações

www.paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

(11) 2125-3500

 editora@paulinas.com.br

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2024

Às pessoas
que são injustiçadas

Sumário

Introdução	9
A narrativa bíblica	11
Os soldados no pretório	12
A púrpura	19
A coroa espinhenta	23
A saudação	29
O caniço	34
A cusparada	37
A genuflexão e prostração	39
O fim das zombarias	42
Considerações finais	45
Bibliografia	49

Introdução

Os quatro Evangelhos no Novo Testamento culminam nas extensas narrativas sobre a paixão, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré (Mc 14–16; Mt 26–28; Lc 22–24; Jo 18–21). São narrativas amplas, formadas por diversos episódios e/ou cenas. Mais ainda, cada elemento assume significados profundos. Por isso, é importante diminuir a velocidade da escuta e/ou leitura e dedicar-se à compreensão de um só trecho ou de uma só unidade literária.

A vida comunitária da fé cristã favorece essa dinâmica. Afinal, todos os anos, os textos acima mencionados são lidos e anunciados, sobretudo, nas celebrações litúrgicas desde o Domingo de Ramos até o Tríduo Pascal. Portanto, em vez de querer compreender tudo de uma só vez, mesmo que seja lido um texto mais amplo, existe a possibilidade de, a cada ano, investir na leitura orante de uma parte do Evangelho, sabendo que o estudo faz parte e enriquece a prática religiosa.

Eis a proposta feita aqui: ler e estudar os cinco versículos presentes em Mc 15,16–20. Trata-se da cena na qual Jesus, após a sua condenação à morte por Pilatos (Mc 15,1–15), é exposto à zombaria dos soldados romanos. Estes últimos realizam diversos gestos significativos, dos quais alguns envolvem objetos de maior valor simbólico: a veste de púrpura, a coroa de espinhos e um caniço. São ornamentos e/ou insígnias régios. Com isso, ocorre

uma prostração, isto é, uma genuflexão acompanhada de uma inclinação, e uma saudação. Enfim, de forma múltipla, o episódio em questão convida os ouvintes-leitores a pensarem na realza de Jesus.

De certo, o episódio em Mc 15,16-20 é bem conhecido. Talvez, porém, não com aquela profundidade que os estudos da Bíblia hoje em dia permitem. Nesse sentido, três objetivos acompanham as explicações a seguir:

- (a) a atenção à configuração poética do episódio em questão, uma vez que este, com o Evangelho segundo Marcos, apresenta-se com maior qualidade literária;
- (b) o conhecimento do contexto histórico-geográfico, justamente pelo fato de o próprio texto bíblico referir-se a espaços específicos e às circunstâncias políticas encontradas na província romana da Judeia;
- (c) o entendimento da reflexão teológica promovida nesse trecho do Evangelho, a qual visa, por excelência, à pessoa de Jesus e, com isso, à fé e ao comportamento dos ouvintes-leitores.

Portanto, as explicações a seguir querem estar a serviço do encontro entre o Evangelho e as pessoas que se propõem a conhecê-lo, oferecendo a possibilidade de uma (re)descoberta surpreendente e fascinante de Jesus. Boa leitura!

A narrativa bíblica

Os versículos em Mc 15,16-20, originalmente, foram compostos em grego. Qualquer estudo mais exato sente a necessidade de acolher o texto em sua língua original, uma vez que as traduções são uma possível fonte de erro.

Por isso, eis o texto de Mc 15,16-20 em português, tradução elaborada pelos autores do presente livro.¹ Nela prevalece, sobretudo, o princípio da literalidade. Recomenda-se usar, durante todo o estudo, esta tradução do texto bíblico.

(v. 16) Os soldados, então, levaram-no embora, para dentro do pátio, que é o pretório, e convocaram toda a coorte. (v. 17) Vestiram-no de púrpura, puseram-lhe a coroa espinhenta que haviam trançado (v. 18) e começaram a saudá-lo: “Alegra-te (salve), ó rei dos judeus!”. (v. 19) Batiam-lhe na cabeça com um caniço, cuspiam nele e, postos de joelhos, prostravam-se diante dele. (v. 20) Depois que zombaram dele, tiraram-lhe a púrpura, colocaram-lhe as vestes dele e o levaram para fora, a fim de o crucificarem.

¹ Todos os textos bíblicos citados neste livro são apresentados com tradução própria. Usa-se a seguinte edição crítica para acessar o texto grego do Novo Testamento: ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce. *The Greek New Testament*.

Os soldados no pretório

Mc 15,16 dá início a uma cena nova. Surgem personagens diferentes: “os soldados” (v. 16), representantes da autoridade romana, em número de uma “coorte” (v. 16). Ocorrem movimentos: Jesus é “levado embora” (v. 16), soldados “são convocados” (v. 16). Muda também o lugar: enquanto a cena anterior, com o julgamento de Jesus por Pilatos (Mc 15,1-15), ocorre na praça, observa-se agora o deslocamento “para dentro do pátio, que é o pretório” (v. 16). Inclusive a conjunção adversativa e/ou aditiva “então” (v. 16) ajuda a perceber que uma nova cena ou unidade literária é iniciada. Enfim, o Evangelho segundo Marcos, primeiramente, “prepara o palco (v. 16) para, depois, narrar as zombarias (v. 17-19)”.¹

Vale a pena também observar que o v. 16 é apresentado com uma *estrutura concêntrica* e, portanto, artisticamente elaborada. Ao primeiro elemento corresponde o último: “soldados” e “coorte”. O segundo elemento é espelhado pelo penúltimo: há dois verbos de ação, flexionados na terceira pessoa do plural. Assim, sobram os dois elementos centrais: o lugar duplamente identificado como “pátio” e “pretório”.

¹ GUNDRY, Robert H. Mark, p. 939.

- (a) Os *soldados*, então,
 (b) levaram-no embora,
 (c) para dentro do **pátio**,
 (c') que é o **pretório**,
 (b') e convocaram
 (a') toda a *coorte*.

Historicamente, a cena em questão leva o ouvinte-leitor ao encontro do mundo romano. De forma concreta, visa-se ao poder militar exercido pelo Império Romano na província da Judeia e, com isso, na capital dela, que é “Jerusalém” (Mc 3,8.22; 7,1; 10,22.23; 11,1.11.15.27; 15,41). Apesar das dez menções desse centro urbano no segundo Evangelho do Novo Testamento, local onde a vida política, econômica e religiosa do povo judeu se concentra de forma ímpar, para Marcos, Jesus se encontra ali pela primeira vez. Faz cinco dias que ele está na cidade.²

Desde o ano de 64 a.C., ao “Pompeu criar a província romana da Síria e, inclusive, reorganizar as fronteiras da Palestina”, o povo judeu encontra-se subjugado ao Império Romano.³ E, a partir do ano 6 d.C., a Judeia, até então governada por Arquelau, filho de Herodes, o Grande, tem à sua frente um prefeito romano. O quinto deles é “Pilatos” (Mc 15,1.2.4.5.9.12.14.15.43.44). Escolhido pelo imperador romano Tibério, chamado de “César” (Mc 12,14.16.17^{2x}), este governa de 27 a 37 d.C. Todavia,

² Confira a cronologia da última semana da vida de Jesus conforme o Evangelho segundo Marcos em: GRENZER, Matthias. Primeiro e segundo mandamentos (Mc 12,28-34), p. 14-17.

³ FREVEL, Christian. Geschichte Israels, p. 367.

a presença do Império Romano, com suas políticas opressivas e exploradoras, é garantida militarmente. Nesse sentido, “subindo até Jerusalém” (Mc 10,32), Jesus, ao fazer sua leitura da realidade, enxerga “os grandes” como quem “pretende governar as nações” para “dominá-las” (Mc 10,42).

Não obstante, o Evangelho segundo Marcos trabalha somente na cena aqui estudada com o vocábulo “soldados” (v. 16), trazendo também sua única alusão à unidade militar chamada de uma “coorte” (v. 16). Apenas mais tarde, a mesma obra literária se referirá ainda a um “centurião” (Mc 15,39.44.45), outro personagem participante dos acontecimentos no último dia da vida de Jesus. “Uma coorte, em princípio, é a décima parte de uma legião”, sendo que uma “legião” (Mc 5,9.15) “consiste em cinco a seis mil homens”.⁴ Assim, o número imaginado de “soldados” no “pátio” (v. 16), isto é, entre quinhentos e seiscentos, demonstra o quanto o Império Romano “ostenta uma posição de poder”.⁵ “Entregue” por Pilatos (Mc 15,15) a eles, Jesus “está completamente indefeso” e exposto aos maus-tratos daqueles que, a partir de agora, inclusive “agem por conta própria”.⁶ Afinal, são “os soldados” que “levam Jesus embora, para dentro do pátio”, afastando-o de qualquer pessoa que, eventualmente,

⁴ COLLINS, Adela Yarbro. Mark, p. 725. No Evangelho segundo Mateus, diz-se de forma expressa que são “soldados do governador” que formam “toda a coorte reunida em torno de” Jesus (Mt 27,27; ver também Jo 18,3.12).

⁵ RHOADS, David; DEWEY, Joanna; MICHIE, Donald. Marcos como relato, p. 162.

⁶ MATEUS, Juan; CAMACHO, Fernando. Marcos, p. 270.

pudesse manifestar apoio ao condenado. Além disso, ao “convocarem toda a coorte” (v. 16), eles geram uma presença maciça e esmagadora do poder imperial. Pilatos lhes “entregou Jesus para que, após açoitado, fosse crucificado” (Mc 15,15). A maneira de cumprir a ordem, em boa parte, nasce, por sua vez, das decisões dos uniformizados subordinados ao governador.

Além disso, é válido procurar pela localização do “pátio, que é o pretório” (v. 16), inclusive para imaginar a representatividade dele na cena. A palavra “pretório” (v. 16) é latina. O Evangelho segundo Marcos a introduz como “latinismo”, usando para isso a fórmula “que é”, no sentido de “isto é” (v. 16).⁷ Portanto, literariamente, observa-se uma referência dupla ao mesmo local: “o pátio”, que é “o pretório” (v. 16).

A palavra “pátio” (v. 16) traz a ideia “do átrio de uma casa, como espaço de ar fresco”, e, também, de um “espaço habitado” ou de uma “residência”.⁸ No caso do Evangelho segundo Marcos, por se tratar do local em que o prefeito ou governador Pilatos reside quando está em Jerusalém, esse “pátio” precisa ser identificado com o “pretório” (v. 16), isto é, o palácio em que o governador se encontra.

Além disso, a palavra latina “*Praetorium*” alude a uma instalação militar, ou seja, ao quartel-general. “Em Roma, trata-se da designação comum para o lugar e os

⁷ DSCHULNIGG, Peter. Sprache, Redaktion und Intention des Markus-Evangeliums, p. 277. Em Mc 12,42, é possível observar outro latinismo.

⁸ FOCCANT, Camille. The Gospel according to Mark, p. 627.

funcionários da guarda imperial”, sendo que estes últimos, “convocados em massa, invariavelmente estão presentes no momento do triunfo”.⁹ Em Jerusalém, por sua vez, a menção do “pretório” (v. 16) faz pensar, “primeiramente, nos soldados de elite, que são a guarda pessoal do prefeito romano, e, depois, no local onde eles se encontram alojados”.¹⁰ No mais, “os soldados” já presentes ali parecem “convocar” agora outros soldados, no sentido de chamarem “toda a coorte” (v. 16).

Tal procedimento ganha alguma plausibilidade ao se saber que, em Jerusalém, soldados romanos se encontram em diversas instalações. O “pretório” (v. 16), que hospeda Pilatos, provavelmente precise ser identificado com o antigo palácio construído pelo rei Herodes, que governou de 37 a 4 a.C. Este é localizado no oeste da cidade, junto às três torres de Mariamne, Fasael e Híptico. Outra instalação militar, no entanto, igualmente construída por Herodes, o Grande, existe junto ao templo de Jerusalém, no leste da cidade. Trata-se da fortaleza Antônia. A distância entre as duas construções corresponde a uns 800 metros (ver o mapa na Figura 1). Todavia, o palácio de Herodes se encontra em um lugar mais alto do que a fortaleza Antônia. Assim, a notícia em Mc 15,8 de que “a multidão sobe” para ir ao encontro de Pilatos favorece a ideia de que o prefeito romano reside no antigo palácio de Herodes.¹¹

⁹ SCHMIDT, Thomas E. Mark 15:16-32, p. 6.

¹⁰ EDWARDS, James R. The Gospel according to Mark, p. 461.

¹¹ O argumento é dado por Hans F. BAYER (Das Evangelium des Markus, p. 681).